

CAPÍTULO 1

Quando Nini voltara à Quinta do Vale Curto, no Couço, perto de Coruche, quase cinco anos depois de lá ter saído para ir viver para a Quinta Branca, em Vila Chã de Sá, perto de Viseu, para casa dos avós, Mariana e Bonifácio, os pais do seu falecido pai, a menina aparecera com um novo cão, *Tobias*, um animal com quem tinha uma ligação forte. Parecia falar com ele. Ela era assim com os animais. Pareciam fazer parte dela.

Ainda que tivesse quase dez anos, voltou a sentir as marcas do passado, bem definidas, naquele sítio, um passado que no coração lhe parecia sempre recente, presente, ali, agora. Era como se tivesse voltado cinco anos atrás e tudo contava ao cão dessa forma. Contava-lhe como brincara naquela rua, claro, como contemplara aqueles horizontes onde a paisagem continuava longa, do tamanho de um olhar, onde não havia carros que passassem; às vezes, na estrada, ao longe, um ou outro levantava uma envergonhada, e logo dispersa, nuvem de pó ao percorrer o caminho de terra, delineada e marcada pelos tratores e carrinhas de caixa aberta que a cruzavam quase sempre no percurso para ir alimentar o gado, para ir recolher um bezerro doente, para carregar cortiça, lenha ou pinhas.

A Quinta do Vale Curto era tudo menos curta. Estendia-se por centenas de hectares, terra a perder de vista, e nenhuma vista era de se perder.

Ali, até o pó levantado era digno de pintura. Os sobreiros ganhavam a magia de se assemelharem a uma pessoa sempre forte e de braços abertos para receber Nini. A criança gozara desse encantamento sempre que os trepara e se sentia entre céu e Terra, deitada a admirar o que espreitava de entre os ramos e a folhagem. Os pássaros faziam-lhe companhia aos poucos, aproximando-se, só ligeiramente desconfiados da imobilidade que ela ensaiava sobre o tronco mais largo e forte. Conhecia aquela árvore desde sempre e sentia que ela, muitos anos depois, por lá ficaria para contar histórias. A dela e as de outras pessoas. Talvez as histórias dos próprios pássaros que nela pousavam.

Nini gostava do ar. Não que o visse, pois claro, pois o ar não se vê; via-lhe apenas a existência expressa no próprio cabelo. Sentia. E sentir é o suficiente para acreditar e para gostar. Tivera uma rua para brincar, um pátio, um lugar que não começava num sítio nem acabava noutra, e gozara dessa rara liberdade sem que soubesse, de facto, quão rara e quão livre era. Só os limoeiros e as laranjeiras, ao longe, pareciam então estabelecer uma espécie de limite para aquela terra seca e calcada, mas tão viva; e oliveiras, em dois dos lados daquele espaço aberto, antigas, históricas. Quem as plantara terá esperado que um dia dessem azeitonas, e davam, como davam sombra para a estrada que levava à quinta.

Nini perdia-se e encontrava-se em tudo aquilo enquanto passeava lentamente, sem sítio especial aonde ir, indo apenas, com *Tobias*, castanho, com manchas de branco no focinho, o olhar terno que todos os cães conseguem ter, ao lado dela, sentindo apenas isso, a dona e o caminho, perdendo-a e encontrando-a a cada passo, como acontece com os cães, na maravilha de uma permanente descoberta depois do medo de uma permanente perda. Nini, de certa forma, também ali deixava de ser e voltava a sê-lo ao mesmo tempo. Já ali não ia há muito. Parecia deixar de ser o que era quando os pensamentos longínquos dela tomavam conta, dominando-a, diminuindo-a. E logo voltava a ser rapidamente, a ser pessoa, também na dimensão de tudo o que recordava, das certezas das coisas que tinham acontecido.

Entrou na casa.

Lá dentro, na casa grande, como lhe chamavam, caiada de branco com uma faixa azul-clara a dar-lhe graça, e todas as janelas contornadas pela mesma cor, o ar era fresco, rarefeito nos aromas, densíssimo nas recordações. A acompanhar a faixa, hortênsias, tantas e tão bonitas, brancas, azuis e cor-de-rosa. Era um edifício de dois pisos, com janelas viradas a norte e a sul. A norte, o pátio; a sul, os mais bonitos pores do sol, com cores impossíveis que se esvaneciam no prado de um reconhecível verde, no desapego impávido dos sobreiros, no gado, quase admirado também.

Na casa grande, deixando *Tobias* à porta, a liberdade continuava-lhe diferente da que sentira instantes antes na rua. Era menor. Era menos. Não tinha medo de estar ali, afinal ali vivera e, se medo eventualmente tivesse chegado a sentir de ali entrar, tê-lo-ia perdido um pouco com o tempo, à força do enfrentamento, de entrar e sair, e sair e entrar tantas vezes. Usara sempre a porta da cozinha, não por aquela por onde passara agora, porque aquela porta grande e principal estivera fechada, trancada, como tantas outras ali dentro, quando ali vivera.

Em baixo, a cozinha dominava o espaço. Ao centro, uma mesa redonda, quase desconfortavelmente grande, à qual podiam sentar-se doze pessoas. Janelas viradas a norte, para o pátio de onde Nini viera, mas também a sul, para os pores do sol. Era uma cozinha que continuava simultaneamente virada para fora e para dentro, aberta e acolhedora. A lareira, antiga, de pedra, grande em altura e largura, era quase um armário aberto no qual, lembrava-se Nini, depois da matança se secavam enchidos, e onde por vezes se aquecia a água para que ela, pequena, tomasse banho numa bacia de metal. Àquela lareira, ladeada por bancos de cortiça, afloraram, talvez, milhares de conversas da família, milhares de silêncios também, em manhãs e serões, com o sol a entrar por umas janelas ou já por outras, às vezes na impossível direção de entrar por umas e sair por outras, como se atravessasse a casa, as pessoas, as conversas, os silêncios. Uma luz indiferente a tudo o que ali acontecia. A luz, mais rápida que tudo no Universo, nunca teria tempo a perder, jamais poderia esquecer-se dos

seus caminhos eternos e imparáveis apenas pela mera importância que um lugar pode ter para alguém.

Na cozinha, havia duas portas, a primeira destas ligando-se à sala de jantar. Se a mesa redonda da divisão na qual se preparava a comida já era grande, a sala de jantar tinha uma retangular, desafiante, de madeira, onde se sentavam vinte pessoas, mais, se apenas ligeiramente apertadas. Nessa sala, havia três janelas viradas a norte, e uma quarta, virada para o extenso corredor. Poder-se-ia considerar uma janela se, afinal, não dava para a rua? Logo ali, ligado à sala, porém não ao espaço onde se faziam as refeições, havia um pequeno escritório, no qual, em tempos idos, o pai de Nini recebera os trabalhadores da quinta, para lhes pagar, mas aproveitando ainda a estratégica proximidade da cozinha, para lhes dar também algo mais de comer e de beber.

A segunda porta estava a sul e dava para a sala de estar, ou de leitura. Era uma área dominada por um piano de cauda no qual, nos momentos de melancolia, uma melancolia sobre a qual nunca falava, o pai de Nini aplicara nas teclas as devidas pressões de angústia e tristeza, tocando músicas simples. Um dom que o pai de Nini tinha, o de tocar qualquer instrumento musical apenas de ouvido. Ouvia uma música e rapidamente reproduzia a melodia num piano ou guitarra. Um dom que deixara por explorar, adormecido, mas que usava como companhia e consolo nos momentos de silêncio e angústia. Uma companhia que já o seu pai, Bonifácio, avô de Nini, por ser filho único criara também ele na música, uma relação de amizade com cada instrumento. Por isso aquele piano de cauda ali estava para ser companhia de quem nele tocasse, para acompanhar gerações. Depois desta divisão, ficava a sala grande, onde havia uma televisão, uma lareira de pedra, mas mais pequena do que a da cozinha, cómodas e mesas que noutros tempos haviam suportado o peso de dezenas de molduras com fotografias da nobre família que ali vivera. Nas paredes, quadros com pinturas abstratas, e um retrato do antigo proprietário daquela casa e de toda a herdade. Um senhor com um cobiçado título de nobreza, de quem os filhos tudo

herdaram para logo tudo venderem ao pai de Bonifácio, que, astuto e bom negociador, ali vira de imediato muito valor. Bonifácio, por sua vez, herdou também a casa, bem como a herdade e todos os negócios do pai. Manteve — talvez mais importante do que tudo o resto que do pai lhe chegou — também a ética de trabalho, a responsabilidade. Honrou o que lhe trouxe a sorte, manteve, aumentou. Por isso teimava em preservar naquela sala o quadro antigo daquele homem nobre que em tempos ali vivera, do qual na verdade já mal sabia o nome se lho perguntassem assim de repente. Fazia-o para não cair na tentação de se esquecer de que, tal como os filhos daquele nobre homem, que tudo tinham vendido e desbaratado, também ele, ou os seus filhos, poderiam um dia ter de vender tudo, atravessar tal necessidade, tal dor. Para Bonifácio, isso não poderia ser uma hipótese. Não podia ser. Lutava contra isso. Era para aquele quadro que olhava todos os dias de manhã antes de sair para trabalhar, bem como muitos dias antes de se ir deitar. Aquele quadro era a linha imaginária da humildade que seguia, a representação do espírito contínuo de dedicação, de trabalho, de responsabilidade. Aquele quadro representava o início de uma família que se desligara de geração em geração. Representava tudo o que ele não queria. A sala, de resto, era um espelho de calma, de continuidade, uma forma de Deus tocar aquela terra e aquele lugar, e de assim todos acalmar antes de a noite chegar, trazendo tudo o que carregava dentro daquela habitação grande, dentro daquele quarto, o quarto, o quarto dela e dos pais, o quarto dela, o quarto...

Depois do escritório, ficava uma casa de banho e, logo depois, o *hall* de entrada, mas que para Nini e os pais fora apenas *hall* de passagem, já que a porta principal da casa lhes fora trancada, lhes era inacessível.

O *hall* de passagem, então, permitia acesso direto ao único quarto no rés do chão. Na traça inicial, aquele teria sido o quarto da empregada da família nobre a quem a casa pertencera, antes de os pais do avô Bonifácio a comprarem; bem antes sequer de os pais de Nini irem morar ali, já casados, para que o pai de Nini assumisse a gestão da propriedade.

Era na Quinta Branca, perto de Viseu, que os avós de Nini passavam a maior parte do tempo, sobretudo o avô Bonifácio, ocupado com as obrigações dos negócios e com a preservação das posses da família, herdeiro único de um património colossal que os seus pais construíram com uma vida de esforço e trabalho em França, onde apostaram todas as poupanças em investimentos bem-sucedidos. Bonifácio herdara a fortuna, mas também o sentido de preservar e aumentar o património, sem nunca esquecer a comunidade a que pertencia. Sendo filho único, cresceu a sentir essa pressão de manter o que fora construído, de conseguir estar nos vários negócios e garantir continuidade ao império construído pelos pais, sentindo sempre que tudo o que fazia e pudesse fazer nunca seria o mesmo que os seus pais, pois ele nascera num berço de ouro e partia desse conforto. Já os seus pais criaram de raiz, sem nada, apenas com a visão e o enorme esforço e empenho de quem coloca a mão na massa para fazer acontecer, para ter uma vida melhor. Bonifácio tinha consciência das suas origens, o que lhe dava uma certa simplicidade.

A avó Mariana, apesar de ser uma mulher humilde, sofrera uma vida de certa forma perturbada pelo estigma de ser emigrante. Por isso, quando o seu marido herdara a Quinta do Vale Curto, ainda tentou manter costumes que percebeu ali existirem antes, vindos dos antigos donos, como se tal a tornasse mais digna daquele espaço, mais nobre, menos emigrante, mais dona e senhora. Uma das coisas que fez foi, justamente, manter o quarto do piso térreo como o quarto da empregada. Rapidamente, porém, viria a perceber que a localização não era, afinal, a melhor, porquanto as empregadas, temendo incomodar a família com as próprias necessidades, vontades, insónias ou desconfortos, se fechavam nessa divisão assim que terminavam as tarefas do dia, para lá levando a ceia embrulhada, comendo, dormindo e esperando pelo amanhecer seguinte, quando voltavam à labuta. De noite, porém, o máximo que faziam era abrir devagar a porta e ir à casa de banho, que ficava mesmo ao lado. Mariana decidiu por isso que, quem naquela casa trabalhasse dormiria fora, numa casa pequena dentro da quinta, mas não ali perto dos seus. Ademais, os

seus filhos rapazes cresciam a olhos vistos, passavam ali as férias com amigos e mais valia prevenir do que remediar. Aquele quarto deixou de ser o quarto especificamente da empregada, passou a ser mais um quarto normal naquela casa grande.

Quando os pais de Nini foram para a casa grande, foi nesse espaço que ficaram. Foi dessa casa de banho que se serviram.

O edifício estendia-se pelo primeiro andar, desmedido, parecendo estranhamente maior em cima do que em baixo, com quatro quartos virados a norte; e os outros três, suítes, a sul. O maior, logo o primeiro ao cimo da curva pronunciada das escadas, era o dos avós de Nini. Os outros dois virados a sul eram um quarto de visitas e o da tia Carlota, irmã do pai de Nini. Os restantes quatro, do outro lado, eram dos outros filhos dos avós, irmãos do pai: o tio Carlos, o tio Jorge e o tio Rui. Havia ainda mais um quarto, que teria sido para o pai de Nini. Nunca usado, porém, pois quando para aquela casa este se mudou com a mãe de Nini, ficou em baixo, no que se destinava às empregadas. Ana Maria, a caseira, morava com o marido na habitação pequena dentro da quinta, afastada, com alguma privacidade para funcionários.

A casa permanecia, na certeza das paredes e das dimensões, mas aqueles caminhos tinham sido para Nini, anos antes, quando ali habitara, apenas ilusões. Ou melhor, Nini sabia que os caminhos eram aqueles, como funcionavam aqueles espaços, e sabia que lá em cima, no primeiro andar, havia mais quartos, nem sabia ao certo quantos, uns maiores e outros mais pequenos; contudo, tudo fora uma ilusão na medida em que as portas daquelas divisões sempre tinham estado fechadas. E que, mesmo que algumas daquelas portas eventualmente lá em cima não estivessem fechadas, ela conhecia a instrução geral dada por todos os que ali viviam, quer pelos pais quer pelos empregados da casa quer pelos avós, quer estivessem naquela casa ou ausentes na Quinta Branca, em Vila Chã de Sá, porém sempre donos de tudo aquilo, quer pelos tios, irmãos do pai, quer lá estivessem ou apenas por lá aparecessem quando bem entendiam. E essa instrução era uma proibição: não podia ir ao primeiro andar, porque nada havia

lá que fosse do interesse dela; e não podia forçar as portas que estavam fechadas. Ponto final.

Nini habituara-se a todas as estranhezas daquele local. Nunca sentira medo de uma casa tão grande que é bem capaz de ter coisas assustadoras a espreitarem no fundo de corredores. Não, nunca sentira esses medos. Esses, ela já vencera. O medo sempre fora mais elaborado, mais avançado para a idade de Nini.

Haveria coisa mais assustadora do que uma casa onde as portas estão fechadas, onde nem espaço havia para os medos que imaginamos ao crescer?

Nunca temera as madeiras que rangiam ou o vento nas janelas. Temera a clausura, a falta de liberdade.

E entre as brincadeiras da rua e as realidades da casa, Nini acostumara-se. Vivera ali com o pai e com a mãe, num quarto apenas daquela grande casa, sem acesso a todos os outros quartos trancados, ainda que sem uso. Era assim e pronto.

Como podia uma casa tão grande parecer tão pequena?

Como podia o pátio, lá fora, ser tão grande, tão maior do que o olhar?

Ser tão despido de teto e paredes, mas dar-lhe mais conforto e segurança do que a casa grande?

Ali, cada porta tivera a sua própria fechadura e a sua própria chave. Sem chave-mestra. E eles, ela, a mãe e o pai, só tinham autorização para usar a do quarto deles, onde dormiam os três. Era algo que a incomodara, porque os sítios aos quais não podemos ir parecem-nos sempre maiores, mas podem da mesma forma parecer-nos mais pequenos, porque para nada nos servem, são inúteis, nada podemos fazer neles. Esta confusão de não saber o verdadeiro tamanho das coisas era algo que incomodava Nini. Como a incomodava sentir que não houvera nunca um lugar só deles, para eles.

Saiu de casa. Veio outra vez para o pátio.

Lá fora, Nini perguntava a *Tobias* se aquilo também lhe parecia tão estranho quanto a ela, uma família de três a viver enfiada no mesmo quarto, havendo tantos outros ali fechados. O cão farejava o chão e

olhava para longe, como se olhasse também para o passado e depois para ela, e aproximava-se, como se lhe desse razão.

Um dia — Nini parecia continuar a contar a *Tóbias*, agora sentada no chão do pátio —, como acontece com todas as crianças, Nini misturou a brincadeira com a realidade e tentou abrir cada uma das portas da casa grande. Uma a uma. As maçanetas prendiam à mínima volta que lhes dava, como se mãos mais fortes as segurassem do outro lado, em sentido contrário, como se lhe dissessem que não, que não podia entrar, que não era suficientemente isto ou aquilo para poder entrar ali, que só podia seguir o caminho da porta que já estava aberta e que devia, afinal, sentir-se até grata por isso, por ter um quarto de porta aberta, destrancado.

Nini voltou então para o espaço dela com alguma frustração, porque algo em tudo aquilo, naquele dia e por nenhuma razão em especial, a incomodava para lá do normal. Voltou para o quarto dela e dos pais, desanimada e pensativa. As paredes eram brancas e lascadas, húmidas, despidas de quadros ou fotografias, numa impessoalidade, numa sensação de provisório, de sítio apenas presente, sem nada de passado, sem nada de futuro. Ali passavam as noites, ali aprendiam a gerir as recusas das outras portas, organizando o tempo e o espaço. Os brinquedos de Nini ficavam na cozinha. Ou na rua. Os cães, os seus amigos, não entravam. Ficavam sempre na rua, também.

Tóbias não era exceção nesta visita à Quinta do Vale Curto, como *Mingos*, cinco anos antes, nunca o fora. *Tóbias* fora-lhe oferecido justamente quando se mudara para a Quinta Branca, perto de Viseu, pelo que era a primeira vez que o cão ali estava. Voltava com ela. Deitou-se aos pés de Nini e abanou a cauda, quase indiferente a tempos e lugares. Para um cão, perto da dona, todo o tempo do mundo era aquele, e todo o espaço do mundo era ali. À menina, por outro lado, parecia, estando agora exatamente ali, que nunca dali saíra completamente. Sentia que tanto estava a mostrar tudo a *Tóbias* quanto a si própria, uma exibição para o cão, a quem contava rapidamente a sua história, e uma confirmação para ela.

Tinham vivido ali, naquele quarto, apontava Nini, mesmo ali, com aquela janela para o pátio onde estavam. A mãe costumava resmun-

gar com aquele estado de tudo fechado, claro. Não se conformava. Sempre fora de ir atrás do que a fazia sentir-se bem. Uma mulher elegante, com olhos cor de mel a contrastar com a pele clara e o cabelo liso, preto como petróleo, intelectualmente destacada, daquelas que antes se diziam apenas *modernas*. Tinha uma licenciatura em Matemática e uma pós-graduação em Matemática Financeira numa universidade de Londres. A vida em Inglaterra, de resto, fora para ela o ponto de partida para viajar, conhecer outros países, desfazer lentamente a ideia de uma portugalidade inevitável, lenta, subjugada, presa à familiaridade dos moralismos e das obrigações. Além das viagens, aproveitara essa fase de estudo em Londres para conhecer pessoas de várias nacionalidades, para ler livros, para crescer. Aprendeu rapidamente a detetar superficialidades e a desenvolver um sentido de humor sofisticado, uma agressividade prática e direta, fácil, portuguesa, no que ao fazer rir respeitava, com uma espirosidade bastante britânica. Onde estava, a sua presença era notada não só pela figura esguia, confiante, mas também pelo olhar vivo, interessado, pelo sorriso cativante e pelas conversas que iniciava, preferindo falar de acontecimentos, de sentimentos, de ideias, não tanto de coisas, pessoas e afazeres que a aborreciam. Ali, na Quinta do Vale Curto, no Couço, a alguns quilómetros de Coruche — Nini gostava de dizer aquilo, de sublinhar o sítio; ajudava-a a situar-se —, a mãe de Nini passou então, depois de casar e de para lá se mudar, a dar aulas de Matemática na escola local aos poucos alunos do terceiro ciclo. Na vila, de resto, todos se conheciam, todos a conheciam. «Bom dia» e «boa tarde», diziam quando com ela se cruzavam os habitantes da vila, já quase todos envelhecidos. De início, usavam o «senhora professora», tratamento que a mãe de Nini rapidamente foi recusando, preferindo apenas uma saudação informal.

Nini lembrava-se de como aquelas senhoras tinham buços que arranhavam, e de como sentira a mãe numa faixa etária do meio, com pouca gente da idade dela, meio miúda, meio velha. A mãe de Nini sentia-se nessa altura tal como a filha a presentia, deixando aos

poucos a grandeza de uma vida profissional que poderia ter levado caminhos maiores e mais longos, ascendentes, optando, por força do casamento e da deslocação para aquele local, por uma vida de professora que estava longe de lhe interessar tanto assim. Era fácil para ela, e isso não a estimulava. E, se o trabalho lhe parecia demasiado acessível, tudo o resto, enquanto mulher, lhe parecia, na mesma medida, mais difícil, mais incompleto. Era-lhe difícil crescer, era-lhe difícil fazer, era-lhe difícil ser; parecia-lhe que, ali, todas as pessoas queriam envelhecer, queriam cumprir os anos de vida, pensando cedo demais no fim, na reforma, na vida orientada, nas coisas pagas e despachadas, nos casamentos feitos e eternos. Era um tempo que não passava, no qual os acontecimentos não se sucediam, antes aconteciam em separado, sem ligações. Aconteciam umas coisas assim na vida, e outras de outra forma, numa outra parcela, num outro enquadramento, e assim ficariam para sempre. Era assim que as pessoas por ali pensavam. Mas a mãe de Nini não pensava assim. Sentia a licenciatura desperdiçada, e a pós-graduação também. Tudo nela fervilhava. Ainda tentou inovar, criar, estimular, mas Nini acabava por ouvir a mãe dizer com frequência que se sentia a estagnar, que lhe era impossível ensinar coisas a quem andava na escola só por andar. Os alunos do Couço queriam pouco, sonhavam pouco, e parecia sentir isso profundamente dentro dela, como se aqueles miúdos fossem o único caminho que ela poderia percorrer e mesmo esse estivesse, por isso, fechado, trancado. A mãe de Nini tivera no olhar a vontade de ver os olhos dos outros a brilharem.

Ali onde Nini estava agora com *Tobias*, naquele chão de areia da Quinta do Vale Curto, a mãe ensinara-a a desenhar, primeiro com marcas no chão, feitas com paus e pedras, riscando abstrações, como se fossem as origens de todos os desenhos de sempre, aqueles feitos no chão, daquela forma. Memórias dolorosas para a criança. Talvez sentidas também pelo cão.

Quando a mãe de Nini era viva e queria sair dali, mesmo que apenas fisicamente o conseguisse, de tão preso que lhe parecia àquele

local o pensamento que desejava livre, quando queria apenas ir a outro lado qualquer, levava Nini a Coruche, uma cidade namorada pelo rio Sorraia, em pleno Ribatejo, de touros e campinos. Em Coruche, havia uma livraria, a Livraria Almeida, gerida pelo casal Almeida — que tantas vezes lhe parecia, a Nini, o melhor sítio do mundo para estar com a mãe, onde os livros não tinham trancas, onde podiam folheá-los, mesmo que não os lessem todos, saltando de um para outro, continuando nas páginas de um a história que haviam começado noutra e, mesmo dessa forma aparentemente impossível, estabelecendo mágicas ligações da imaginação. Liberdade. As ilustrações. As letras. Os números nas páginas. Nini sentia o cheiro de cada livro. Os livros têm cheiros, e não têm sempre o mesmo; não é apenas o do papel e da tinta das letras, é talvez o cheiro das próprias pessoas e dos lugares que trazem dentro. Nini gostava disso, dessas possibilidades, desses sonhos. Na Livraria Almeida, ela sonhava. O coração acalmava-se. Serenavam as duas, ela e a mãe. Ali, era o Além delas, onde sentiam a paz dos livros e das palavras, a paz das coisas que, por belas ou horríveis que sejam, ficam sempre ali, entre capa e contracapa, para sempre ou para nunca mais, conforme se queira. Na maioria das vezes, contudo, nada compravam, o que o casal Almeida, Catarina e Dinis, até achava graça, quase pareciam sentir que, se ali comprassem alguma coisa, estariam a estragar a perfeição daquele lugar. Iam e vinham apenas, de vidros do carro abertos no verão e de luvas e gorro no inverno. A música alta. Nini a gostar de ver a mãe cantar, a sorrir-lhe; a mãe a rir-se quando Nini gritava a achar que cantava. Nini a gritar a achar que cantava, e a mãe a cantar a achar que gritava.

O pensamento de Nini voltou a *Tobias*, ainda deitado aos pés dela, com a tranquilidade de quem ali poderia ficar para sempre sem qualquer problema. E logo do cão para a mãe outra vez, as queixas de falta de ar que aquela lhe apresentara, de opressão, sim, porque os ares não são todos iguais. A mãe, claro, naquela casa tão grande, sentia aquilo que até para Nini, tão nova e criança, era fácil de compreender: não ter o seu espaço, as suas coisas, possuir apenas o que

era da sogra e do sogro num local onde poderia, perfeitamente, viver como se numa casa dela e do marido, pelo menos numa parte maior da casa, pelo menos com mais um quarto, um que fosse apenas para Nini; e, mesmo nos espaços onde não vivessem, que não estivessem fechados como se alguém tivesse medo, seguramente os avós paternos de Nini, de que Nini e os pais pudessem estragá-los, ou apropriar-se deles. Nunca algum daqueles temores lhes fora dito assim diretamente, nem aos pais de Nini, muito menos à própria, mas, justamente por serem coisas que lhes eram feitas, mais do que apenas ditas, pareciam ter um peso maior.

Tinham ido ali parar, à Quinta do Vale Curto, de forma natural, familiar, porque alguém, neste caso o pai de Nini, tinha de lavrar aquela terra, alguém tinha de tratar dos animais, as vacas, os cavalos, os porcos, as galinhas.

Os avós de Nini, na maior parte do tempo na Beira Alta, precisavam de ter ali a tempo inteiro alguém de confiança, a trabalhar, e o pai de Nini parecia-lhes, desde sempre, o melhor dos filhos para isso. O casamento fora o pretexto ideal para lá o colocarem a viver, em nome das necessidades da família, diziam.

Ao pai, parecera tudo aceitável de início, sempre ocupado pelas tarefas, a qualquer hora do dia ou da noite. Sempre que descansava, nem que para dormir de noite fosse, parecia ter na cara a expressão de quem deixara alguma coisa por fazer. Mas vivia satisfeito, realizado, a trabalhar no campo, com as suas pessoas, entre os seus animais e a cortiça, longe da confusão de Lisboa, onde vivera quando tirara a licenciatura.

O pai de Nini tinha uma irmã e três irmãos. Irmãos seria uma maneira de dizer, uma maneira natural e inevitável, porque não era essa a proximidade que aparentavam. O pai era o segundo filho.

A filha mais velha era a tia Carlota, alta, demasiado magra, de pele morena, advogada, o ideal, segundo o avô de Nini, para garantir sempre um emprego e cuidar de todos os assuntos legais relacionados com os negócios da família. Trabalhava em Lisboa e, de quando a quando, ia à Quinta do Vale Curto. O pai também estudara em

Lisboa, Engenharia Agronómica, o ideal para cuidar das terras dos pais, claro. O pai e a tia Carlota tinham sido os únicos a terminar a licenciatura.

Logo depois do pai de Nini, vinha o tio Carlos. Nini nunca o vira, porque vivia — maluco, como diziam — num hospital psiquiátrico, palavra que sempre lhe soara de forma misteriosa, ouvindo-a afinal tão pouco, tão sussurrada, numa entoação proibida, como um daqueles palavrões que às crianças nunca permitem.

O quarto filho dos avós era o tio Jorge. Esse, Nini conhecia-o bem, pois, nesta altura em que contava a sua história a *Tobias*, ele vivia com Nini e com os avós, na Quinta Branca, em Vila Chã de Sá. Por lá viviam agora também os dois filhos de Jorge, primos de Nini. Só eles, sem a mãe, que, ao que parecia, trabalhava agora muito e tinha ido viver para longe, para o Canadá. Também se ouvia dizer, lá em Vila Chã de Sá, que o tio tinha uma amante, e que a mulher optara por fugir dali, tolhida pela vergonha. O tio Jorge ainda voltara a casar-se, não com aquela que diziam ser a sua amante, mas com uma outra, pouco importante nesta história, que se tornara madrasta dos primos de Nini. A avó Mariana nem foi ao casamento, mas o avô Bonifácio foi. O tio Jorge ficou magoado por a mãe não ter ido e Nini chegou a encontrá-lo no jardim da casa numa tristeza pegada, porque também os primos dela, sem a mãe por perto, andavam muitas vezes tristes. A mãe dos seus primos voltaria um dia para vir buscá-los, acreditavam eles. Da parte de Nini, até agradecia tê-los por perto, pois era com eles que brincava naquela vila perto de Viseu, mas tão longe de tudo.

O irmão mais novo do pai, o tio Rui, era de quem Nini gostava acima dos outros. Vivera em Lisboa, mas de lá teve de passar rapidamente para Coruche, depois de ser apanhado a roubar um automóvel; na verdade, nem ficara na casa grande de Vale Curto, mas mesmo em Coruche, ligeiramente afastado, na vila. Iria acabar por lá os estudos, supostamente terminaria o secundário, mas nem isso fez. O pai de Nini acolheu-o inicialmente, protegendo-o, dando-lhe a oportunidade para de novo avançar. Criaram uma relação positiva, mas o pai de Nini rapidamente percebeu que o seu irmão tinha pouca

vontade de trabalhar, escolhia o caminho mais fácil e nutria uma certa revolta contra a própria família, contra o capitalismo. Parecia esquecer-se de que era a fortuna do seu pai que permitia pagar advogados que o defendiam quando cometia ilegalidades, a casa onde vivia e a mesada que recebia ainda que nada fizesse para a merecer.

O pai de Nini não gostava da forma como o tio Rui olhava para ele, da forma como tratava os empregados da quinta quando por acaso lá ia. Era um homem fugido de Lisboa por ter sido apanhado a roubar, que não tinha curso, que não tinha nada, e que andava ali de nariz empinado. Quem julgava ele que era, afinal? Em quem se tornara?

O pai de Nini, lembrava-se ela a cada canto daquele local, costumava calar-se, todo ele era um silêncio, às vezes, apesar do ruído que dentro dele se sentia, como um tambor ao longe. Numa casa tão grande, com tantos quartos, tantas salas, mas para ele, mulher e filha apenas um quarto. A noção do tamanho das coisas que ele tinha dentro dele, as coisas que sentia crescerem no âmago, no pensamento, sem espaço, demasiado grandes, talvez possa também ter sido influenciada. Talvez houvesse pouco espaço dentro dele também. Talvez a sala estar trancada, com o piano de cauda lá dentro sem que ele pudesse tocar-lhe, sem nele conseguir chorar e, à sua maneira, dar som aos seus silêncios, às suas dores, aos seus pensamentos, também o tenha feito pensar mais, perder-se nas ideias.

Houvera muitas discussões, claro, porque a mãe nunca aceitara aquela situação, com o pai a trabalhar todos os dias na terra, na terra que era dele e dos seus, dedicando todo o corpo ao que fazia, recolhendo os rebanhos, semeando para ele e para a família, e ainda por cima contando tudo inexplicavelmente ao tostão. O avô de Nini tinha bem presente as origens dos seus pais, de todo o seu esforço para criarem património e fortuna, e, por isso, nos negócios, cada centavo era contabilizado e justificado. Heranças de uma geração com um começo mais duro, mais exigente. E o irmão Rui, por contraste, gatuno em recuperação, vivia sozinho em Coruche, numa casa também dos pais, confortável e com toda a assistência, sem qualquer trabalho. Isto era, para os pais de Nini, ofensivo.

Também isso fazia com que Nini tivesse preferido a rua e a liberdade que esta lhe dava. Uma rua é muito mais do que a estrada ou o caminho, pode ser tão grande quanto grande pode ser o ponto de partida para qualquer lugar. Na rua, ela era feliz e solta, misturada com a terra, dela própria feita, assim se sentira sempre, permeada pelo ar, inspirando e expirando, sentindo devagar o passar do tempo enquanto a mãe estava na escola a dar aulas.

Ali, naquela casa, não tinham sido felizes, aquele não era um enquadramento familiar sereno. Se algo se pode resumir assim com esta clareza, esta é uma ideia boa e simples: não tinham sido felizes. Não tinham sido o sonho de família, talvez não tivessem sido o sonho de nada, ali naquele casarão que para eles se resumira a um quarto e onde tudo era feito com a devida autorização.

Na verdade, nem aquele quarto era deles, porque cada moldura tinha de estar sempre no mesmo sítio, nem ligeiramente acima nem ligeiramente ao lado, muito menos em cima de um outro móvel. Era forçoso que tudo ficasse onde a avó Mariana queria, mesmo que ela fosse poucas vezes dormir àquela casa. A avó Mariana, mesmo na distância da Beira Alta, sempre fizera questão de *estar* ali. Ceder a casa sem ceder. Dera espaço sem dar. Nada fora a casa do pai de Nini, ou da mãe de Nini, ou de Nini.

A avó Mariana sempre a impressionara pela postura de general, olhar de militar, implacável. Era muito senhora de si, morena, de olhos verdes, cabelo louro e encaracolado, alta, magra, dona de casa. Dona. De casa. Da dela, claro, e mesmo daquelas onde não estivesse. A mãe de Nini ia arriscando mudanças e conquistas, colocara sobre uma cómoda da sala, que ousadia!, uma fotografia do batizado de Nini, na qual estavam Rui, o irmão do marido, e Noélia, a sua colega enquanto professoras e grande amiga; e Paulo, o irmão da mãe de Nini, olhos escuros, cabelo preto, liso, homem alto e musculado, não fosse professor de Educação Física numa escola em Lisboa. Nini, numa das poucas vezes que tinha ido a Lisboa com os pais, assistira a um espetáculo de atletismo, com corridas, salto em altura e ginástica acrobática, cujas atletas vestiam fatos brilhantes que a fizeram viajar para um mundo de magia.

Estavam todos na fotografia.

A avó Mariana, contudo, quando lá por casa passava, pegava na moldura e voltava a colocá-la no quarto onde o filho, a nora e a neta viviam. Lembrava dessa forma que a casa era dela.

Havia momentos em que Nini não gostava daquelas batalhas entre a mãe e a avó, ou quando a elas assistia, o que raramente acontecia, ou quando delas sabia, geralmente pelos desabafos da mãe. Mas, noutros momentos, até apreciava aqueles desencontros entre a mãe, que representava tudo o que de sólido e certo a vida tinha, e a avó Mariana, que, mesmo estando ali, parecia a uma distância incerta, que se contabilizava pelos sapatos novos e roupas que recebia de vez em quando, e que a menina usava apenas quando ia a Coruche. Do que mais gostava era de sentir que a mãe se defendia, que os defendia, que tinha coragem. Não apenas a coragem necessária para uma mulher como ela poder viver ali, naquela quinta e naquela vila, desperdiçando a inteligência, mas também a coragem de trabalhar por um amor e por uma família. A mãe de Nini era como se rosnasse. Era ao mesmo tempo uma leoa e um leão.

No dia daquela discussão acerca da fotografia do batizado, o pai assistira a tudo sem dizer nada, porque não conseguia dizer que não à mulher, mas também não conseguia dizer não à mãe. O espaço que o pai ocupava parecia importar muito pouco em tudo aquilo, era sempre um espaço referente a outra pessoa. Ele era o marido dela. Ele era o filho dela. Ele era o pai dela. Ele, propriamente dito, parecia ser ninguém. A casa onde ele vivia não era dele.

Tinham ido para ali morar logo depois de se casarem, a pedido dos avós, portanto, ainda antes de Nini nascer, na sequência de pouco tempo de namoro em Lisboa, quando a mãe estudava Matemática, na Faculdade de Ciências; e o pai, Engenharia Agronómica, no Instituto Superior de Agronomia. A mãe, apaixonada, não quisera então contrariar o marido nem os sogros, e desde essa altura o pai limitara-se a construir uma família inteira num quarto. De início, a mãe vivera numa espécie de ilusão: casada com o filho de um homem dono de hectares de terreno na Quinta Branca, dono da Quinta do Vale Curto,

de uma das maiores empresas de produtos de cortiça e proprietário de dezenas de prédios herdados em Lisboa. A mãe trocara as ruas da capital, e o futuro, um apartamento bom, de portas sempre abertas, quanto abertas podem ser as ruas de uma grande cidade, e trocara também, ainda que na altura não o soubesse, a possibilidade de uma carreira. Tudo pelo homem que seria o pai de Nini. Tudo pelo desejo de acreditar no amor e nos sonhos que se tem quando se ama. Não o amava pelo que ele tinha. Tantas vezes desejou até que ele nada tivesse. Amava-o pelo que ele era.

As personalidades de um e de outro vincaram-se quando a bebé nasceu. O que tinham de bom e de mau foi sublinhado pela importância do momento. Continuaram a ser as mesmas pessoas, a ter os mesmos defeitos e virtudes, porém vários níveis acima. Eram mais do que eram antes. Quando estavam mais próximos, estavam muito próximos. Quando estavam distantes, estavam mais distantes. Era um mau padrão para um casamento, mas de certa forma uma inevitabilidade; nada podiam fazer para alterar o curso da vida e as circunstâncias que lhes tinham calhado, ou que tinham escolhido.

Aquela casa grande onde viviam nem sempre estava absolutamente fechada por dentro. Nini e os pais não recebiam visitas — ou pelo menos ela disso não se lembrara enquanto repensava a sua história junto de *Tobias* —, mas, sempre que os irmãos do pai chegavam com amigos, sempre que apareciam, a casa transformava-se num hotel. A mãe, qual fada do lar, tinha de ter tudo pronto para agradar à família do marido, também a dela, por afinidade. De quem chegava, sentiam sempre pouco afeto. Faltava-lhes amor por eles. Talvez não por eles, porque ela e a mãe não tinham cem por cento sangue da família, mas pelo próprio irmão, pai de Nini. Faltava-lhes coragem. Faltava-lhes amor, sim, porque o amor encoraja. A mãe lembrava muitas vezes ao pai que tanto ladrão era quem roubava como quem estava ao portão. Todas aquelas pessoas estavam ao portão, sabendo que eles viviam num quarto e, ali chegando para abrir tudo, sabendo que tudo voltaria a fechar-se quando saíssem. Sabiam e conheciam, mas nada faziam.

Só havia uma vantagem na presença de toda aquela gente ali, e talvez fosse fácil adivinhar qual: as portas abertas. Nini entrava em todo o lado, chegava mesmo a subir ao primeiro andar. Enfiava-se em cada quarto, entrava na sala de estar onde os avós liam e descansavam. Irrompia pela sala grande de jantar, onde havia uma enorme mesa de madeira, corrida, e uma lareira de pedra. Pratos com várias texturas e desenhos oriundos de vilas e cidades francesas por onde Mariana e Bonifácio passaram nos anos de emigração em França. Por cima da mesa, lustres de cristal. Cadeiras com coxins verde-azeitona. No escritório, que tinha uma pequena biblioteca, com livros em tempos pertencentes aos antigos proprietários da casa, nunca conseguira entrar, porém. Esse estava sempre trancado, mesmo quando os tios lá iam. Histórias trancadas. Espreitava pela fechadura e só via escuro. Desistia e ia ver outra divisão. A tia Carlota, também morena, de olhos azuis, alta e esquelética, num tom de advocacia mesmo quando não estava a ser advogada, quando lá ia abria sempre a porta da sala de estar, não para ler, mas para ali estar, a rezar, dizia ela, quando encontrada sozinha a sussurrar. Gostava de rezar. A Nini, dizia-lhe que percebia de leis, mas que tinha fé em Deus. De resto, ninguém ali rezava. Nini gostava de ver a tia Carlota a rezar, vulnerável, serena. Nunca ninguém a vira com um namorado, ou tão-pouco a tia falara de qualquer paixão ou interesse. Fazia-se sempre acompanhar por uma ou outra amiga, mas nunca por um namorado ou por algo que se lhe parecesse.

Num desses dias de portas abertas em casa, a criança dera por si, talvez espantada com tudo aquilo, a abrir e a fechar a mesma porta, a de um quarto qualquer, várias vezes, como se incrédula por poder fazer aquilo. O tio favorito, que fazia com ela brincadeiras malucas, que a punha a segurar no volante do carro pela quinta fora, que a levava à loja dos 300 escudos e a espicaçava para conseguir levar escondido um chupa-chupa, o tio que lhe dava adrenalina e loucura, o tio Rui, estranhou e foi ter com ela.

— Que fazes, Nini? — atirou, encostado a uma parede do corredor.

— Ouço o som da porta quando se abre e, depois, comparo com o som de quando se fecha.

— Porquê?

— Porque, quando não está cá ninguém, estas portas não se abrem. Tio, sabe que a avó Mariana não deixou a mãe pôr a fotografia do meu batizado na sala da televisão? Aquela onde está o tio, e também o irmão da minha mãe, sabe?

— Não sei, Nini. O fotógrafo tirou tantas fotografias que não sei qual é essa de que falas.

— Espere aqui por mim, já venho.

Nini correu o mais depressa que pôde. Se o tio favorito, o tio Rui, irmão do seu pai, visse que também estava na fotografia, talvez conseguisse ajudar a que todos fossem, naquela imagem, promovidos à sala, e que boa surpresa isso seria para a mãe, chegar e ver que tinha o irmão dela ali, a olhar para eles, a recordar os tempos em que estavam próximos, juntos, em Lisboa. Quando Nini voltou, trazendo a moldura com a fotografia, porém, o tio Rui já não estava. Talvez Nini tivesse falado demasiado baixo, ou talvez ela realmente se tivesse esquecido de lhe pedir para esperar. Por isso, foi procurá-lo. Ali estava ele, no meio dos outros, no pátio, a refrescarem-se com um vinho branco.

— Então, tio, não esperou por mim? Aqui está a fotografia.

O tio pegou na imagem. Sorriu. Com a boca e com o olhar. Deu-lhe esperança de que talvez fosse colocar a fotografia onde ela queria que ele a colocasse.

— Muito gira. Estamos bem. Eras uma bebé muito querida, Nini. Obrigado por me mostrares a fotografia. Vou pedir ao fotógrafo para me fazer uma cópia.

— Pode pôr esta moldura na cómoda da sala de estar?

— Nini, eu...

— Se faz favor.

À volta deles, silêncio. Nini sentiu o coração a bater depressa, quase o ouvia. Era só um moldura em cima de uma cómoda, era só uma fotografia dos pais, do tio favorito e do irmão da mãe, com ela, no dia do batizado. Mas aquele silêncio provava que aquela imagem era mais do que isso.

— Tio, vai lá pôr?

— Nini, é melhor não. Vai brincar. Olha, tenho uns sapatos novos que a avó Mariana me deu para te entregar. E enviou outras coisas também.

— Para o pai? A avó Mariana nunca pede para entregar nada ao meu pai. Nem pelo correio envia. Sabe se a avó tem a morada certa da nossa casa?

— Nini, vai brincar.

— E a moldura?

— Eu guardo a moldura, Nini. Há fotografias que merecem estar noutros lugares, não numa cómoda qualquer para que um bêbado possa olhar sem saber apreciá-la. Vai brincar, minha querida Nini.

A mãe aproximara-se e enchera-a de beijos, protegendo-a daquele desconforto. Fizera-lhe cócegas até Nini chorar de tanto se rir. E Nini afastou-se, talvez para brincar, talvez a pensar que se calhar já nem a mãe queria a fotografia em cima da cómoda, que até a isso estaria a tornar-se indiferente, um pouco conformada com uma guerra perdida, sem aliados possíveis naquele campo de batalha.

Tinham-se ido todos embora, aos poucos, em despedidas de apertos de mão, passos cambaleantes, poucos olhares, casacos vestidos, promessas de um regresso e até amanhã. Nini sabia que, despedidas feitas, haveria discussões, como uma banda que, já depois de cantar todas as canções, agradece e recusa cantar uma outra, mais uma de tantas já cantadas, o público esquece todo o concerto e reclama, reage. Isso acontecia porque o pai ficava nervoso, porque sentia as diferenças naquele final de festa, ao ver todos a irem-se embora sem prestarem contas, quando ele, tratado como um empregado naquela quinta, tinha de as apresentar por tudo, por quilómetro percorrido com o carro, por período ao telefone, por garrafa de vinho aberta. Aquela despedida em massa, de irmãos sem pagar contas, talvez lhe custasse mais do que propriamente o preço de todas as outras coisas. Saíam dali e iam para as casas deles, cada um com a sua, onde aproveitavam a vida e o dinheiro da família, onde as portas estavam abertas — todos, menos Carlos, o internado, o hospitalizado, quase um esquecido, como alguma coisa, ou alguém, que correria mal.

O pai percebeu que a sua autoestima se desmoronou; já não sentia orgulho em gerir parte do negócio da família, já não sabia se seria ali que deveria estar, se seria ali o seu lugar. A pouca solidez que tinha naqueles tempos, na verdade nem era dele, era da mãe de Nini, da mulher, que não desistia de lutar pelo que seria o normal, uma casa, um canto, privacidade, paredes deles, portas abertas. Era só isso que ela queria.



Nini acordou *Tobias*, que dormia aos pés dela, talvez ouvindo o que a dona lhe ia contando sobre aquele lugar, talvez apenas lhe escutando os pensamentos. Os cães parecem capazes de ambas as coisas.

Aqueles poucos dias de férias na Quinta do Vale Curto estavam a revelar-se um regresso doloroso, um embate lento, profundo. Levantou-se e foi caminhando até à casa, onde entrou, deixando *Tobias* à porta, que percebeu de pronto que não podia passar dali e também pareceu pouco disposto a insistir.

Ana Maria, a empregada dos avós, que vivia com o marido na casa dos caseiros, e que conhecia Nini desde pequena e dela tomara conta em tempos, estava a cozinhar e a tratar do almoço, na casa que, afinal, era o seu local de trabalho. Ana Maria tinha cabelos grisalhos, em contraste com outros bem pretos, apanhados. O seu corpo era forte, baixo, olhos castanho-claros, cansados na expressão. As mãos gastas de quem trabalha. A pele enrugada. Descascava batatas e tinha um tabuleiro de carne temperada pronto a entrar no forno, que já pré-aquecia.

— Menina Nini, como é bom vê-la por cá outra vez! Olhe, e calce os sapatos, vá, não a quero descalça aqui dentro.

A cozinha estava imaculada. Nem uma migalha em cima da mesa, nem um cabelo no chão, nem uma pinga no lava-louça. O ar estava novo.

— Ana Maria, tenho estado lá fora a pensar; achas que os meus avós, no fundo, gostavam do meu pai, do filho deles? — perguntou a

criança, puxando um banco de cortiça que estava perto da lareira e sentando-se ao lado do frigorífico.

— Porque pergunta isso, menina? — devolveu Ana Maria, virando costas às batatas que descascava em cima da mesa da cozinha.

— E gostavam da minha mãe?

— Menina Nini, que perguntas...

— E gostavam de mim? A avó Mariana disse-me muitas vezes que, quando nasci, era um bebé feio. Depois, via que eu ficava triste e dizia que me tinha tornado bonita.

— Menina Nini... — Ana Maria virou-se para a criança.

— Ana Maria, não me chames menina. Tenho quase dez anos! Chama-me Nini — disse ela, levantando-se e começando a mudar de sítios os ímanes, com imagens de animais, do frigorífico. Um deles, o que tinha a cabeça de um cavalo lusitano preto, prendia uma lista de compras, escrita por Ana Maria, com alguns erros ortográficos em que Nini fingiu não reparar.

— Nini, os seus avós gostam de si. Desconfio que o que sentem até vai além do gostar. Nestes quase cinco anos que passaram, têm aprendido a amar. A amá-la.

— Sim, mas o que pergunto era antes, se gostavam dos meus pais?

— Nini, eram outros tempos — disse a empregada, regando o tabuleiro de carne com vinho branco.

— Outros tempos? Há quase cinco, eu estava lá. Nesses outros tempos que dizes. Vivi lá outros cinco anos. Não preciso que me cantes a música de que eram outros tempos. São sempre outros tempos.

— Tudo era diferente, mais difícil.

— Foram tempos maus. Achas que não sou capaz de enfrentar as verdades? O pior já aconteceu. Diz-me, Ana Maria!

— Nini, querida. Sou muito sua amiga. Trabalho nesta casa há vinte anos. Vi a menina crescer. Lavei toda a sua roupa suja de terra e pelos de cães. Desta janela, admirei as primeiras idas à barragem acompanhada pela sua mãe, as aulas de natação que ela lhe dava. Enternecia-me ver-vos juntas. Algumas vezes, o seu pai juntou-se a mim. A admirar o vosso namoro. Em silêncio. Confortado. Outros tempos.

— Os meus avós preferiam que eu vivesse na rua, assim estava menos dentro da casa deles... Ainda que eles cá não vivessem!

— Nini, os seus avós não queriam que vivesse na rua — disse Ana Maria, fechando a porta do forno e espreitando lá para dentro, quase como se confirmasse que realmente fizera o que indiscutivelmente acabara de fazer: colocar um tabuleiro de carne lá dentro. — Nini, só tem dez anos. Um dia, quando crescer, a vida vai mostrar-lhe que nem tudo é preto ou branco. Que as pessoas às vezes erram.

— Os meus avós erraram?

— Não me faça responder a isso. Estas paredes têm ouvidos.

— Estiveste cá sozinha, sozinha com o meu pai, depois de ele terminar a universidade e vir para aqui, para a Quinta do Vale Curto, mesmo antes de se casar com a minha mãe. Sabes e conheces tudo. Eu sei que a avó Mariana é osso duro de roer. Sei que, por medo, me escondes coisas.

— Se sabe, não mas pergunte. Deixe o tempo passar. O seu coração vai serenar. A vida vai dar-lhe respostas. Desculpe, tenho de preparar o almoço.

— Ana Maria, eu só queria saber a verdade... Não sou menina! Estou farta de silêncios! De vocês. Dos vossos silêncios. Dos teus também, Ana Maria. Afinal, enganei-me. Não trabalhas aqui há vinte anos!?! Há vinte anos que fazes parte deles. És como eles!

— Nini...

— Não te incomodes mais. A vida irá dar-me as respostas. Não serás tu. Nem nenhum deles.

A avó Mariana entrou na cozinha e, com ela, chegou o silêncio. Não apenas das pessoas, mas pareceu inclusivamente que dos objetos que normalmente fazem barulhos numa cozinha, como o forno ou o frigorífico, aqueles zumbidos das máquinas a trabalharem, que foram assim estranhamente interrompidos, ou pelo menos dessa forma pareceu a Nini e a Ana Maria, que enxugou imediatamente no avental as mãos que acabara de lavar e se virou para a patroa, quase numa postura militar. Nini, por sua vez, que estava de pé, voltou a sentar-se no banco de cortiça ao lado do frigorífico.

— Ana Maria, o almoço já está pronto? — ouviu-se a voz firme de Mariana, uma voz que só por si marcava presença.

— Estará pronto a horas, minha senhora, não se preocupe.

— Obrigada — disse Mariana, olhando para Nini, percebendo que interrompera uma conversa que nenhuma delas se atreveria a continuar com ela ali, mas também sem especial interesse em perguntar do que se tratava, por temer ter de entrar nela e ser diretamente confrontada. Revia em Nini a coragem da falecida mãe aliada à coragem e bravura inconsequente da pré-adolescência. Mariana entendia, naquela inacessibilidade que construía, a certificação da sua autoridade e do seu poder. Antes ser temida do que amada. Mas, no fundo, Mariana já aprendera a amar Nini e, embora nunca o admitisse, desejava que, um dia, Nini também a amasse, ainda que não lhe fosse fácil deixar de ser como a vida a tornara, dura.

Nini foi lá para fora, esperar pelo almoço. *Tobias* aproximou-se. Fez festas ao cão e, num ataque de melancolia, começou a chorar. Chorava por tudo o que passara naquela casa, naquele sítio. Chorava por sentir saudades do que poderia estar a partilhar com os seus pais se estes ainda estivessem vivos, saudades de tudo o que ficara por fazer ali. Era com eles que queria viver esta nova liberdade de andar pela casa grande sem portas trancadas. O cão parecia sentir. Estava agora outra vez calmo e brincalhão, como Nini gostava dele.

Mas o animal ia morrer, e Nini sabia-o. Sabia-o com uma calma que a deixava, a ela própria, assustada. O ataque que fizera a Nini dias antes na Quinta Branca, onde viviam, mordendo-lhe um braço, as feridas sem gravidade que lhe infligira, tinham-lhe traçado o destino: seria abatido. Assim o ordenavam os avós e assim o compreendia Nini. Para os avós de Nini, nada seria mais importante do que garantir a segurança e o bem-estar de Nini e, por isso, a decisão, apesar de difícil, foi tomada. Não queriam voltar a sentir o medo de a perder ou de a ter magoada devido a um animal. E o avô de Nini, sendo também ele filho único, sabia a importância de um cão no dia a dia de uma criança que não tem outras com quem brincar, que não tem irmãos. Para que em Vila Chã de Sá não se comentasse a morte do cão, decidiram que este

seria abatido longe dali, longe de olhares e falatórios, por isso levaram-no para cumprir o seu destino na Quinta do Vale Curto.

Tobias iria ser abatido. Não havia alternativa, por mais que Nini andasse com ele pelo terreno, normalmente, mas sem lhe virar costas, tentando provar que aquele incidente não se repetiria. Por outros motivos que não os que anos antes lhe haviam levado *Mingos*, aquela visita à Quinta do Vale Curto iria ficar marcada por uma outra despedida. Por mais um cão morto. Como se o local estivesse amaldiçoado. Era um sítio de contínua perda. E Nini, ainda criança, lidava com isso.